



Gaiato

PORTE
PAGO

Quinzenário • 9 de Março de 1991 • Ano XLVIII — Nº 1226 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTA DA QUINZENA

Processo da canonização de Pai Américo

TEMOS guardado em silêncio, como se de um segredo se tratasse de que não nos julgamos dignos, os apelos escritos e de viva voz para darmos notícias da Causa de Beatificação e Canonização de Pai Américo.

Confusos de nós mesmos e confortados para a vida; empurrados pela dedicação de amigos sem conta para quem a Obra da Rua e Pai Américo é ponto de referência na formação da consciência no mundo de hoje; estimulados pelo carinho da Igreja a dizer-nos que Pai Américo é de todos, acolhemos com alegria mais um passo dado no processo de Beatificação e Canonização.

Ao escrever esta nota, dou com uma carta que nos chegou há tempos e vem a propósito: «Este meu gesto, não é produto de simpatia humana. Não é por inclinação natural para o Padre Américo que escrevo esta carta; é por admiração diante da sua figura ímpar; da sua caridade heróica, do seu amor pelos Pobres, da sua vida sacerdotal. Os homens de hoje, os jovens, os seminaristas e sacerdotes desejam vê-lo no altar!»

Pai Américo há-de ser entendido no seu lugar para não ser deturpado: «Tenho sido sempre na mesma: rasteirinho; a sina me dá caminhar sempre rasteiro». É impressionante a força da sua palavra. Ela nascia do testemunho. Falava do que vivia, sem perder nunca o sentido da sua pequenez. Quando se dirige aos grandes do mundo, aos homens do poder, coloca-se no seu lugar de pequenino, sem compromissos com nada nem ninguém a não ser com a causa do Pobre.

Não raro, em situações graves, quando era preciso aplicar o bisturi, pedia licença e falava com a liberdade e sabedoria do Pobre, sem medo. O sentido da pessoa e do respeito pela sua dignidade fez de Pai Américo o homem respeitado e o Sacerdote amado pelo povo.

O processo de beatificação e canonização entrou numa fase nova, no dia 14 de Fevereiro p.p., com a tomada de posse do Tribunal eclesiástico constituído para o efeito, em sessão solene realizada no Paço Episcopal do Porto, presidida por D. Júlio Tavares Rebimbas, Arcebispo-bispo da Diocese. Durante este período mais ou menos longo, serão ouvidos os depoimentos de testemunhas vivas e outras da vida e das virtudes de Pai Américo pelos elementos que formam o Tribunal: Juiz delegado, Dr. Padre Jorge Teixeira da Cunha; Promotor, Dr. Padre João Campos; Notários, Padres Dr.s José Maria Gonçalves Moreira e Albino Lopes Moreira da Silva; Censor, José

Garcia. O Postulador da Causa é D. Gabriel de Sousa, O. S. B.

A Obra da Rua agradece a todos os membros a disponibilidade para este serviço que vai pedir-lhes grande sacrifício.

Estiveram presentes gaiatos mais antigos da Obra da Rua que conheceram e conviveram com Pai Américo, os Padres da Rua que tiveram possibilidade de o fazer e pessoas amigas. Na altura, o Arcebispo-bispo do Porto falou do que sentia e do significado daquele momento. Guardamos as suas palavras:

«Do Padre Américo falou o passado, fala o presente e falará ainda mais o futuro.

O momento que estamos a viver, na Biblioteca da Casa Episcopal, é mais um passo que se dá no percurso da glorificação canónica de alguém que no mistério da sua vida ofereceu à Igreja e ao Mundo o testemunho de uma doação total ao

Continua na página 4



Sessão solene realizada na Biblioteca do Paço Episcopal do Porto

O GAIATO fez 47 anos no dia 5 de Março. É mais uma oportunidade de reflexão sobre o que tem sido a sua vida a fim de se colher luz para o caminho que falta percorrer.

Pai Américo pôs nele todos os seus cuidados. Apercebeu-se, bem depressa, da importância do jornal para comunicar com as pessoas. Sentia necessidade de estar perto delas para dizer o que andava a viver e, desse modo, ajudá-las a entrar na corrente de Justiça e Caridade. Que hem não fez!

O GAIATO apareceu como uma ponte a ligar as margens separadas por barreiras aparentemente difíceis de vencer. São as margens da vida onde se amontoam pessoas,

ANIVERSÁRIO

indiferentes, por vezes, aos problemas umas das outras. É a presença da vida sem sentido. Desde o início, anuncia a todos um destino comum, só possível de ser alcançado com a partilha dos bens. Que maravilha! As pessoas sentem-se sacudidas e, inquietas, interrogam-se: — Que fazer?! Quinzenalmente, apresenta propostas, autênticos caminhos de Paz. Foi assim desde o princípio. Chamaram-lhe nomes,

qual deles o mais interessante: *Revolucionário, Famoso, Desordeiro*, etc., conforme o impacte que provocava nas consciências.

Chamei-lhe ponte; foi e é, hoje, no sentido em que as pessoas encontram-se nele, isto é, são os testemunhos vivos que fazem O GAIATO. Esta característica aparece na «Colaboração dos Leitores» da festa de aniversário. Não há distinções: o pobre e o rico; o letrado e o ignorante; as viúvas, os

pensionistas e reformados; as crianças e os jovens, todos se encontram a celebrar a festa d'anos.

A reconciliação de muitas consciências é um dos pontos mais prodigiosos do jornal. Quando isto acontece é porque o pequenino mensageiro mergulha no mais profundo do ser humano e traz à superfície as energias de bondade que todo o homem guarda em si.

O mundo dos Pobres é o espaço onde O GAIATO se sente bem. Por isso, é gerado todos os quinze dias no meio de dores que levam em si a grande alegria da esperança de quem se dá por amor. Assim acontece com a mãe que dá à luz o seu filho!

Padre Manuel António

Colaboração dos Leitores

N. da R. — As honras d'aniversário são para os leitores.

Além da correspondência citada ao longo do ano, e destas páginas cheias, fica muita na gaveta. Tesouros d'alma cuja luz resplandece. Fecunda partilha motivada pelo anúncio da Boa Nova aos Pobres.

Voz dos Sem Voz, O GAIATO é o complemento directo da Obra da Rua. Um dos mais difíceis legados de Pai Américo!

«Cada número é um despertador para mais; a revelação de quanto podem os corações que amam» — afirma um presbítero, de Aveiro; concluindo: «O GAIATO, que o Padre Américo lançou, tem feito uma revolução de amor em muitos corações. No meu, também». A génese do Famoso!, que ele demonstrou e exigiu que seja, sempre, «de maneira que 'Zé da Lenha' o entenda». Ou, como diz outro leitor, de algures: «A beleza do simples narrada com o coração!»

Doação aos Outros

«É sempre com uma lágrima teimosa a bailar-me nos olhos que leio o nosso querido Famoso. Porém, um artigo que há tempos trazia sobre o tema «barracas», abalou profundamente a minha alma. Senti realmente o choro das crianças, a angústia das mães, o frio, o vento, a miséria material e até moral. Sendo cristã, não posso ficar indiferente aos gemidos daqueles que são a própria imagem de Cristo (quantos se curvam diante de figuras que O representam e desprezam o Cristo vivo na pessoa dos nossos irmãos pelos quais Ele derramou precioso sangue).

Apesar de casada e mãe de três filhos, a vossa Família espiritual é muito mais ampla: rapazes, doentes do Calvário e tantos infelizes e amargurados pela dureza da vida vos procuram. Assim como, muitas vezes, choro pela incompreensão dos meus familiares, também creio que, por vezes, devem chorar diante de obras em que se empenham, que levantaram com amor e esbarram na ingratidão ou até na deturpação de belas intenções. Porém, não desfaleçamos para que possamos dizer no fim das nossas vidas como disse S. Paulo: 'Combati o bom combate, acabei a minha carreira, guardei a fé...'. Espero, agora, a coroa da Vida Eterna!

Admiro, também, essas senhoras que, sem ordenados, sem cursos de reciclagem (o seu curso é o amor e o ordenado a Vida Eterna), habitam junto dessas crianças que foram da Rua, para as quais devem olhar como se filhos fossem das suas entranhas. É uma maravilhosa maternidade espiritual que lhes enche a vida, mesmo nas horas (e não hão-de ser poucas) de luta e até de desânimo. O Todo Poderoso, que as chamou a tão alta vocação, lhes dê Força para cumprir, até ao fim, o seu ministério.

Realmente, se é bom ter saúde, casa, emprego, êxito nos estudos, mais importante é ser revestido de fé, de paz, de capacidade de doação aos Outros, de esperança e de caridade.

Assinante 47518»

«Quero muito a O GAIATO, pois foi minha mãe e um irmão que o Senhor já chamou para o Seu Reino que me ensinaram a amá-lo e a admirar a Obra de Pai Américo.

O GAIATO é um gosto lê-lo. Só é pena que, por vezes, o nosso egoísmo não deixe assimilar o conteúdo e a elevação das mensagens que

com tanta simplicidade transmite. A Obra do Padre Américo é Obra de Deus, à qual todos somos chamados a colaborar, mas muitos de nós esquecemos o que o Senhor ensinou: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos ame!» O coração de Pai Américo ardia de amor que, lá do Céu, transmite aos que o Senhor tem destinado para continuarem a sua Obra.

Assinante 23323»

Crava espinhos na minha consciência

«Num mundo tão profundamente materialista, é consolador saber que ainda há tantas pessoas que lêem O GAIATO. Mas que 'Gaiatão' tão incómodo!...

Vêm-se os meios de Comunicação Social e fica-se estarecido... e baralhado. E cada vez mais cheio de dúvidas e incertezas. Encontro consolação na única certeza que tenho: creio profundamente em Deus. Se não acreditasse, a vida não teria qualquer sentido.

E vem O GAIATO que, aliás, se lê com sofreguidão, e, no fim da leitura, fico perguntando a mim mesmo se fumar um simples cigarro não será pecado. É que a exposição de tantos 'casos' tristemente reais que, nas vossas jornadas, vão descobrindo, crava espinhos na minha consciência.

Não sou rico, nem pouco mais ou menos, no sentido em que o mundo entende a riqueza; mas, pela Graça de Deus, tenho mais que o estritamente necessário.

Todavia, tal como certa criança cuja história ouvi, também não tenho sido capaz de oferecer a Deus o meu coelhinho branco.

Mas, desta vez, pelo menos,

«FAMOSO»

não quero deixar de contribuir com duas telhas para as casas mais dignas que os nossos três irmãos, beirões, se empenham em construir.

Assim, tenciono estar um mês sem fumar e envio mil escudos para cada um, fazendo votos ao Céu para que haja, pelo menos, outros mil indivíduos a quem tenham vergastado a consciência como sucedeu comigo.

Se é certo que, perante a descrição de tantos casos tristes, se fica pasmado e estarecido, certo é também que a descrição paralela de tantas manifestações de generosidade nos consola e, simultaneamente, envergonha.

A.»

É possível mudar muita coisa

«Sou de um jornal regional, para onde enviam o 'pequeno grande' jornal O GAIATO. O tempo que despendo é pouco para ler todos os que chegam à Redacção; mas, quando chega o vosso, não 'descanso', enquanto não o leio. Cada frase faz meditar. É como se a minha alma ficasse pura, cheia de amor.

Tinha vontade de poder mudar o mundo, acabar com a miséria, a pobreza, a fome, a solidão, enfim, com tudo o que faz com que as pessoas se sintam infelizes. Mas, a realidade é bem diferente! A Obra da Rua prova que é possível mudar muita coisa; pena é que não existam mais iniciativas como esta.

Assinante 18571»

«Começo por agradecer o vosso jornal. Ele é, para mim, como uma pedra no charco desencadeando 'ondas de Vida'. Muito me sensibiliza a vossa leitura de fé nos acontecimentos e a partilha que fazeis dela, profundamente enriquecedora. Sacode-me muitas vezes!

Fátima»

«Acabo de receber mais um número d'O GAIATO, cuja leitura deixa marcas na nossa consciência, pois nem sempre fazemos aquilo que devíamos e tomamos conhecimento do sofrimento dos nossos semelhantes. A 'Nota da Quinzena' teve o condão de me humedecer os olhos!

Há muitos, muitos anos (tenho 66), mantive correspondência com o Padre Américo. Atendeu o meu pedido de visitar, no Sanatório D. Manuel II, no Porto, um doente à beira da morte. Acompanhou-o até ao fim.

Mas, na luta pela vida, esqueci a Obra que nunca devia ter esquecido e a leitura dos últimos jornais O GAIATO fizeram despertar em mim o desejo de, também, humildemente, estar presente junto dos Pobres. Assim a minha fé em Deus fique mais fortalecida.

Assinante 36300»

«Por sistema gosto pouco de ler, pois ocupo os meus tempos livres dedicando-me a trabalhos manuais de que, isso sim, gosto muito. No entanto, confesso: O GAIATO é por mim lido desde a primeira à última letra. Faz-me muito bem sentir que neste mundo conturbado e egoísta ainda existe muito amor.

Assinante 52736»

A mensagem transmitida pelo Padre Américo

«Por vezes sinto-me desprendida dos males alheios e, então, para que o pequeno donativo, que junto, tivesse significado para mim, tive que beber da fonte d'O GAIATO, que ensina o caminho e ajuda na caminhada.

Que bom termos a felicidade de viver numa época em que podemos dispor da Mensagem transmitida pelo Padre Américo e, agora, pelos continuadores da Obra da Rua.

Assinante 41186»

Emoção

«Dizer-vos que é o jornal do País mais necessário, o mais indispensável, desde a base onde ele vive até ao vértice da pirâmide onde parece que o desconhecem.

Dizer-vos que na maior parte dos seus números não o conseguimos ler sem uma emoção que nos faz bem e nos mexe cá por dentro e não consente que fiquemos indiferentes; e nos compromete e nos questiona e nos areja e nos dá uma autêntica lufada de Vida.

São afirmações sentidas quinzenalmente, com pena de não ser ao menos semanalmente e que muitos devoram e meditam e... só Deus sabe o bem que faz.

Assinante 21398»

«Venho por este meio pagar a minha assinatura do jornal, que está a terminar. Só tenho 11 anos de idade e, por isso, envio um cheque do meu pai, com o valor de 1.500\$00.

Assinante 49040»

A beleza do simples narrada com o coração

«Após ter lido os dois últimos números, com a emoção de sempre, o impulso foi escrever.

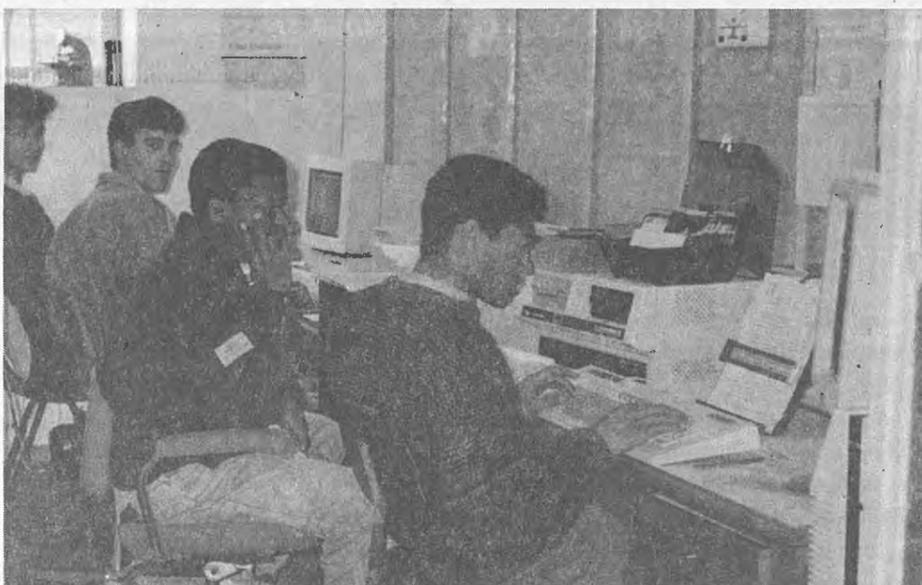
Não sei qual é a força que vos anima (ou, antes, sei e temo por mim), e faz nascer nesse jornal verdadeiros trechos de antologia que se não podem ler de olhos totalmente enxutos. É a beleza do simples narrada com o coração.

Acaso não é um monumento de ternura aquela carta das Criaditas dos Pobres a fazer um apelo a todos nós para a mãe heroína? Tenho-as na minha família e sei como a vida lhes é madrastra!

A.»

«Há já bastante tempo que vos queria escrever. Aliás, por cada O GAIATO lido, há sempre tanto a fazer e, às vezes até, só a 'comunicar' para nos podermos sentir irmãos neste mundo tão egoísta e cheio de superficialidades... Mas (e lá vem o egoísmo, a preocupação por ninharias) acabamos por proceder exactamente como não queríamos!

Maria Helena»



A fotocomposição d'O GAIATO serve para formação profissional

Obra da Rua

Voz que acicata

«Fui protelando a minha obrigação para com aqueles que a vida empurrou para o lixo. Não por esquecimento. Por graça de Deus, tenho sempre presente na minha consciência aqueles que sofrem. Não por amor latente, mas porque ouço continuamente uma voz que acicata, chamando-me à partilha dos bens! É insistente e incómoda, esta voz!: 'Reparte! Dá! É demais o que tens! Gastas sem pensar! Reparte!' E é incómoda porque é suave, simples, feliz... E, quando escutada, faz-me tão feliz também...!»

Caros amigos que vos dedicais à libertação daqueles que sofrem e a quem ninguém liga importância, rezamos todos os dias por vós, em nossa família. Pedimos ao Senhor que vos mantenha firmes na resposta ao Seu apelo e faça felizes. Nada mais sabemos fazer, por agora. Peço que rezeis por nós, que nos ajudeis com a vossa oração! Pedi ao Senhor que nos torne justos, na caridade, nas missões que desempenhamos no Mundo, como educadores e chefes de empresa! Encontrar soluções para um trabalho humano, humanizado e justamente retribuído! Que o saibamos fazer para que os casos de que vos ocupais sejam cada vez menos!

Aníbal»

Só os grandes ideais preenchem a vida

«Sou, desde novo, um admirador da Obra da Rua, desde o tempo do santo Padre Américo. Não tenho palavras para exprimir a minha admiração pela grandeza da sua Fé em obras. Adorava ter podido ser como vós. Hoje, quando o peso dos 50 anos ajuda a compreender melhor que só os grandes ideais preenchem a vida, sei que também precisais de estímulo e compreensão humana.

Muito obrigado por serdes, para mim, uma 'sarça ardente'!
Assinante 19770»

«O meu pai faleceu há 25 anos, mas no muito que lhe fiquei a dever, inclui-se o ter-me ensinado a conhecer e a amar a Obra do Pai Américo. É uma excelente oportunidade para, evocando os dois referidos pais, remeter uma pequena contribuição.

Assinante 32986»

«Já que não somos capazes de ajudar directamente os que mais necessitam, resta-nos entregar nas mãos daqueles que deixando tudo se entregam a Deus para assim poderem dar aos mais Pobres aquilo que muitos desconhecem: o amor que transforma em pessoas todos a quem chamais «Lixo da Rua».

Peço a Deus que ajude sempre a Obra da Rua, para que o vosso testemunho de fé e de amor invada os corações dos homens e, assim, se possa transformar a nossa sociedade que se afasta, cada vez mais, dos valores espirituais.

Assinante 16400»

«Se a rotina, muitas vezes, tem sentido contrário ao da acção espontânea, no que esta tem de mais vivida em relação àquela, geralmente os caminhos feitos facilitam o cumprimento dos nossos deveres e até das nossas devoções.

Bem gostaria de juntar apenas as partes positivas destes dois estados e com elas partilhar convosco, em plenitude, este dar e receber que constitui momento activo de vida em comum.

Pela referência de Vida que tem sido para mim a Obra da Rua, neste instante, que desejo de profundo recolhimento e grande intimidade, permitam lembrar aqui minha extremosa mãe falecida com quase 91 anos de idade. É com grande saudade e maior sentimento de gratidão que a recordo.

Assinante 19888»

Uma grande alegria

«Tive uma grande alegria com as notícias d'O GAIATO ao saber que têm mais um sacerdote-amigo ao serviço da Obra da Rua. Quantas vezes penso com amargura não ter já idade nem forças para seguir esse caminho, pois teria dado um rumo mais certo à minha vida.

Embora reconheça que não fui de todo inútil, por certo poderia ter ocupado melhor a minha vida ao serviço de Deus em campo diferente.

Desculpem este desabafo, assim ao correr da pena; e Deus me aceite o desejo sincero de aproveitar bem o pouco tempo que me restará de vida.

Assinante 6440»

«Queridos amigos: Somos humildes. Damos do que recebemos. O Céu tem-nos pago 'cento por um'.

Nesta remessa enviamos o dobro do habitual pensando nos nossos irmãos mais carecidos.

Assinante 6372»

Candeia que vai à frente

«Dizem que a candeia que vai à frente alumia melhor. Quero que a minha assim seja.

Para o mês que vem há mais um pouquinho de reforma. Há que repartir pelos que mais precisam. Só dão valor às necessidades dos outros aqueles que sofreram na carne e nos ossos como eu, que fui trabalhar com nove anos porque a minha santa mãe ficou viúva com os filhos pequeninos para criar. Nesse tempo não havia ajudas de parte alguma. Mas essa santa mulher criou os filhos com sacrifícios sem conta e pura como as estrelas em todos os sentidos. Santa mulher, santa mãe!

Sou velha de 78 anos. Faz-me bem desabafar com alguém porque vivo sozinha.
Assinante 17418»

Emigrante

«Lancem, a nível nacional e internacional (emigrantes), uma campanha a favor de habitação condigna para as centenas de milhar de portugueses que, de outro modo, estão condenados a viver até à morte, em tugúrios miseráveis, e (ou) em situação de promiscuidade aviltante.

Compunge-me a estafada frase: 'Quem dá aos pobres empresta a Deus'. Cheira a negócio, rançoso, miserabilista e farisaico. Não acredito que só assim as pessoas conseguem fazer algum bem...

Assinante 4862»

Direitos da Criança

«Vai aqui um abraço pelo artigo 'Direitos da Criança'. É preciso coragem para denunciar a falsa caridade e a sua monstruosa hipocrisia. Eu continuo a ver as crianças deitadas nas lajes das estações de caminho de ferro, com criancinhas ao lado, a pedir em largos cartões escritos sem erros ortográficos, a dizer que têm 12 irmãos, a mãe está doente e o pai fugiu, só que a letra é igual em Cascais e em Lisboa, o que me leva a pensar que há autênticos gangs que se servem das crianças para melhor explorarem a caridade (?) pública.

Sem comentários...

Assinante 7316»



Impressão do «Famoso»

Inquietação sacerdotal

Uma revolução de amor

«Quem me dera que O GAIATO entrasse em mais casas da minha paróquia, levando a mensagem da paz, do amor, da generosidade.

Cada número é um despertador para mais, a revelação de quanto podem os corações que amam e quanto o Senhor dá de recompensa aos que pensam e se dedicam aos Pobres.

O GAIATO, que o Padre Américo lançou entre nós, tem feito uma revolução de amor em muitos corações; no meu, também.

Assinante 4154»

«(...) Se o toque já não é de agora, a verdade é que senti mais forte o rebate. Tanto assim que bebi o Famoso de ponta a ponta, sem pestanejar nem bocejar, e ainda estou a meditar por conta dele. E não vejo jeitos de sono! Nem há-de vir sem me desobrigar (em parte, claro) duma dívida que trago sempre em aberto com os Padres da Obra da Rua. Para eles a admira-

ção profunda de um que também tem coração de Padre, mas que já fica contente se o Mestre lhe disser: 'Também tu não estás longe do Reino...'

Para a Obra, uma pequena gota do suor de um homem andarilho deste mundo de trabalhos, cheio de boa-vontade de ser solidário com os que passam mais trabalhos.

Padre A.F.»

«É meu costume depositar algo que seja para a vossa Obra. Costumo fazê-lo através do Padre Telmo, mas já há muito tempo que não aparece, o que, aliás, é compreensível, pelos compromissos que tem.

Vai este cheque, pedindo a Deus que ajude na tarefa que pesa sobre vós e sobre nós todos.

Padre F.M.»

Muito mal desapareceria...

«É com a maior satisfação que leio sempre o 'nosso' jornal O GAIATO. Quase sempre me serve de base a profundas meditações e, algumas vezes, também de assunto para certas homílias. Se a sociedade da nossa época compreendesse o conteúdo deste jornal preciosíssimo, muito mal desapareceria sem violência e melhores acções se praticariam sem esforço nem pressões de qualquer género.

Assinante 5708»



«Eusébio» na máquina de dobrar

Processo da Canonização de Pai Américo

Continuação da página 1

serviço dos mais pobres. A história da Igreja em Portugal não se pode fazer, no século em que vivemos, sem a figura martirial de um padre surpreendido consigo mesmo, admirado da graça de Deus nele, entregue totalmente aos outros.

Comemorámos o primeiro centenário do nascimento do Padre Américo, em 23 de Outubro de 1987 e mais uma vez se viu a viva recordação da sua recente memória e das suas boas obras. A sua saudade para aqueles que o conheceram e tiveram o privilégio de conviver com ele perdurará para sempre.

Por isso a Obra da Rua, constituindo-se Autora, pediu-me a introdução da causa em 22 de Março de 1986.

O mesmo pedido fez o Clero da respectiva Vigararia de Penafiel, em 12 de Junho de 1986.

Em face desses pedidos, pedi esclarecimentos ao Reverendíssimo Vigário Judicial, que nos prestou em 14 de Junho de 1986 e mandei-os comunicar aos Padres da Obra da Rua a 15 de Junho de 1986.

Entretanto, e antes de mais, tinha sido nomeado Postulador, como Procurador da Autora, o Rev. Padre D. Gabriel de Sousa, Abade resignatário do Mosteiro de Singeverga, em 1 de Janeiro de 1986, nomeação aceite e confirmada por mim, em 8 de Dezembro de 1986.

O Postulador exibiu:

- 1.º *Positiones et Articuli*
- 2.º *Relatio scriptorum*
- 3.º *Indiculus testium.*

O Postulador pediu o exame dos escritos em 24 de Fevereiro de 1988.

Devidamente nomeados, tomam posse e fazem juramento *de munere bene implendo* os censores: Rev.mo Cónego Dr. António Maria Bessa Taipa e Padre Dr. Manuel Durães Barbosa, C.S. Sp., em 10 de Maio de 1986.

Foram favoráveis os pareceres dos referidos censores, emitidos em 1988.

Com data de 15 de Setembro de 1990, enviei para a Santa Sé todos esses dados e pronunciei-me pelo valor da causa, pedindo o *nihil obstat* para organizar o Processo Ordinário.

A Santa Sé deu o *nihil obstat* em 6 de Novembro de 1990.

Aqui estamos, em 14 de Fevereiro de 1991, para iniciar o Processo de Canonização do Servo de Deus, Padre Américo Monteiro de Aguiar.»

Padre Manuel António

Evocação

A Igreja toma, sobre si, a completa análise da vida e acção de Pai Américo, com vista à sua glorificação canónica.

Para além da Saudade — tão humana! — não quereria deixar de vincar, hoje, muito a propósito, um expressivo facto ocorrido nas suas derradeiras horas — princípio do Fim — que tive a graça divina de acompanhar, também.

Cara de dor. Sem gemidos. Concentrado. «Ó Júlio...!» — assim me recebe, com uma exclamação veiculada pela dor física, no Hospital de Santo António, após o desastre. Era um mês de Julho, abrasador! Pede algo para matar a sede. Mas, entretanto, solicita o Capelão..., que topo num corredor. Pego-lhe no braço. E deixo ambos a sós com o Pai do Céu.

Quando Padre Mendes — o Capelão, já no Reino dos Justos — sai do quarto, curva-se nos meus ombros, comovido, e afirma: «Tenho assistido centenas de doentes. Nunca nenhum como o nosso Padre Américo!»

Júlio Mendes

• Durante o dia de hoje encontrei, várias vezes, o Pedro sempre parado, embora em movimento. Veio para nossa Casa, há dias. Tem dezasseis anos. É alto e muito magro. Não conheceu pai nem mãe. Dormia algumas noites em casa da avó. Tem certa confiança com a madrinha, que se lhe dedicou alguma coisa, conseguindo que ele fizesse a Instrução Primária e fosse batizado. Parecia não ter problemas com o comer e o dormir. Comia, se lhe davam; e dormia onde calhava. Um ser da rua. Sujeito a tudo o que é da rua. Foi o telefonema dum delegado de tribunal que nos alertou para a situação e vida do Pedro: «*Jovem com todas as portas da vida fechadas. Ninguém lhe abre uma porta.*»

Tribuna de Coimbra

Abrimos a nossa. Brinca com os gatos ao colo e faz muitas conversas aos mais pequeninos. Ainda não procurou qualquer trabalho ou ocupação. Mostra-se um ser apático. Conversa sobre coisas muito diversas. Tem um certo raciocínio.

Custa-nos a acreditar que o Pedro tenha vivido toda a sua vida nas ruas da cidade. É uma figura marcada. Deve ter muitas marcas. Vamos ajudá-lo a descobrir-se e a descobrir caminhos de vida. Deus nos ilumine e a ele não faltem capacidade e vontade. O nosso trabalho tem de ser, sempre, de esperança.

Finalmente, após catorze meses de gestação dolorosa, temos a máquina de cintar o jornal capaz de o fazer.

Na hora em que escrevo, ainda não temos a certeza de que este número do *Famoso*, o do seu 47.º aniversário, passará por ela para as mãos dos seus Assinantes. Seria uma graça saborosa a compensar um pouco a aflição em que temos vivido com a velha Cytograph a rebentar pelas costuras, num risco permanente de nos deixar impedidos de endereçar o jornal. Estamos tentando tudo para que sim, sabendo, embora, que esta primeira rodagem será cheia de trabalhos: os próprios de todo o dar à luz.

De qualquer modo, o termos a máquina operacional para tornar as cintas impressas a partir do computador e as abraçar, cinquenta e quatro mil vezes, para cada um dos endereços aonde O GAIATO vai, é já um dom reconfortante, uma prenda de anos que o «Albufeira» e o Lito e o Nilton e o «Vira-Latas» e quantos mais participam do despacho do jornal irão apreciar.

Padre Carlos

Prenda de anos



«Albufeira» e Lito, na velha Cytograph. Nilton despacha maços de jornais.

SETUBAL

• M. M., do Porto, é alguém que me acompanha, pel'O GAIATO, há mais de trinta anos, e pôs na sua vida, como norma, o que então escrevi a propósito duma família encontrada a viver numa toca: — Aflige-te. Age!

A minha aflição, em tantas circunstâncias, tem sido a sua e, comigo, tem comungado, muito fraternalmente, as dores dos Irmãos pobres.

Em carta de 29/1/91 escreve-me:

«Enviei 25.000\$00 (duas notas de 10.000\$00 e uma de 5.000\$00) para ajudar um pouquinho o débito de 2.500\$00 contos que ainda havia para satisfazer.

No jornal, no querido O GAIATO, porém, não vi qualquer referência, embora outras ajudas fossem recebidas. Num tempo em que nem os valores mais altos são respeitados, isso leva-me a recear que, dado o volume da carta, ela não tenha aí chegado.

Também, há já uns tempos, desde que fui aumentada no meu vencimento, tenho enviado mensalmente 5.000\$00. Têm sido recebidos?

Gostaria ter a certeza, se possível, numa breve referência apenas,

pois não me move qualquer desejo de agradecimento, já que considero que cumprir um dever não é para ser agradecido».

Não sei a direcção nem o nome de quem me escreve. Um dia, no Céu, espero comungar, em plenitude, no amor que nos alimenta e, face a face com Deus, ver M. M., do Porto.

Poderia, ao menos, saber a direcção. Sou capaz de guardar segredos e os anónimos merecem o máximo respeito, mas também não pretendo violar o que só Deus deve saber. Alguns meses, quase todos, tenho recebido os cinco contos e repartido com a Edite e outros Pobres; mas, os 25 contos a que se refere não vieram parar às minhas mãos.

É um grande risco enviar dinheiro em cartas! Este recado não vai só para M. M., mas para todos os que utilizam o mesmo meio simples. O cheque endossado à Casa do Gaiato é o meio mais seguro e, logo a seguir, o vale do correio. Enviar dinheiro em carta, ainda que bem embrulhado, é expor-se a depositá-lo nas mãos de ladrões. Já tenho recebido cartas vazias, mas, neste caso, como outros, nem as mesmas chegaram.

Nos tempos livres procure alguma ocupação que o atraia. Não pode haver horas mortas na vida de todos os que estão a crescer na vida. Que o Isaías encontre família e se afeioe a ser membro desta que o recebeu.

Padre Horácio

• E já que estou em maré de correio, quero pôr no seu lugar mais uma chamada de atenção «à falta de iniciativa dos trabalhadores desta casa (Secil), onde me incluo, para a tal campanha de Natal que era hábito concretizar-se».

Abalaram os velhos e os velhos hábitos também.

Tenho, contudo, ao longo de cada ano, várias iniciativas pessoais para convosco, por norma no anonimato, embora seja conhecida dos nossos gaiatos, pelas frequentes visitas. Porém, como já no ano transacto, neste artigo, a mesma referência era feita, omitindo a atenção dos trabalhadores de turnos que habitualmente trabalham na noite de Consoada e noite de Ano Novo que, de há uns anos a esta parte, prescindiram da oferta da Secil (bolo-rei e v. Porto) nestas noites, para ofertarem a instituições de caridade onde, desde sempre, foi incluída a Casa do Gaiato, video o caso deste ano, em que optámos por colecções de livros de leitura para várias idades e para a V. biblioteca, senti que deveria dizer algo. Não que a publicação venha fortalecer nalgum sentido, mas, quem sabe?, se os colegas ao lerem este pequeno pormenor se lembrem que têm andado distraídos e, na próxima, tomem alguma iniciativa. Toda a ternura para os gaiatos».

• Dado que a estruturação dos Correios trouxe algumas alterações, pedimos que a nossa correspondência seja endereçada somente para Casa do Gaiato — 2900 Setúbal.

Padre Acílio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Fevereiro: 73.700 exemplares.